

ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS DE PROCESSAMENTO TEXTUAL

INGEDORE G. VILLAÇA KOCH
(UNICAMP)

1 - INTRODUÇÃO

A Pragmática tem sido conceituada como o estudo da “língua em contexto”, Isto é, o aquele que considera não apenas as estruturas abstratas do sistema, nem somente os enunciados tal como costumam ser produzidos por seus falantes, mas também o seu contexto de produção.

Tal concepção, contudo, é freqüentemente apontada como redutora: primeiramente, porque se mostrou a necessidade de levar em conta, além da situação comunicativa propriamente dita, os usuários da língua, seus propósitos, convicções e crenças, os papéis interlocutivos que desempenham nos ‘jogos de linguagem, as ações lingüísticas que realizam por intermédio dela; em segundo lugar, porque se achou ‘idade a ser considerada deveria ser não o enunciado, mas o texto, e, que a unidade finalmente, porque se evidenciou a necessidade de considerar o contexto sócio-histórico e cultural dentro do qual eles se movimentam e interagem.

Pretendo, pois, neste trabalho, propor uma ampliação da noção de contexto, de modo a englobar o conjunto do que chamarei *estratégias pragmáticas de processamento textual*, que, embora indissociáveis, serão divididas, para fins de exposição, em *cognitivas, interacionais e textuais*

2 - A NOÇÃO DE CONTEXTO

Na fase inicial das pesquisas sobre o texto, que se tem denominado a fase da *análise transfrástica*, o contexto era visto como o entorno verbal, ou seja, o *contexto*. O texto era conceituado como uma seqüência ou combinação de frases, cuja unidade e “coerência” seria obtida através da reiteração dos mesmos referentes ou do uso de elementos de relação entre segmentos maiores ou menores do texto. Paralelamente, os pragmaticistas chamavam a atenção sobre a necessidade de se considerar a situação comunicativa para a atribuição de sentido a elementos textuais como os **dêiticos** e as expressões indicas de modo geral.

Com a Teoria dos Atos de Fala e a Teoria da Atividade Verbal, a Pragmática volta-se para o estudo e a descrição das ações que os usuários da língua, em situações de interlocução, realizam através da linguagem, considerada esta, portanto, como atividade intencional e social, visando a determinados fins.

A simples incorporação dos interlocutores, porém, **ainda** não é suficiente, 'à que eles se movem no interior de um tabuleiro social, que tem suas convenções, suas normas de conduta, que lhes impõe condições, lhes estabelece deveres e lhes limita a liberdade. Além disso, toda e qualquer manifestação de linguagem ocorre no interior de determinada cultura, **cujas** as tradições, cujos usos e costumes, **cujas** rotinas devem ser obedecidas e perpetuadas.

Finalmente, outro tipo de contexto - que é, na verdade, o mais importante - precisa ser levado em conta-. o *contexto cognitivo*. Para que duas ou mais pessoas possam compreender-se mutuamente, é preciso que seus contextos cognitivos sejam, pelo menos, parcialmente semelhantes. Em outras palavras, seus conhecimentos enciclopédico, episódico, procedural, macro- e superestrutural ou esquemático devem ser, ao menos em parte, compartilhados (visto que é impossível duas pessoas partilharem exatamente os mesmos conhecimentos). Numa interação, cada um dos parceiros traz consigo sua bagagem cognitiva - ou seja, **já** é, em si mesmo, um contexto. A cada momento da interação, esse contexto é alterado, obrigando, assim, os parceiros a se ajustarem aos novos contextos que se vão originando sucessivamente (veja-se a noção de "footing", de Goffman, 1981). Os mal-entendidos surgem, em grande parte, de pressuposições errôneas sobre o domínio de certos conhecimentos por parte do(s) interlocutor(es). Poder-se-ia, inclusive, postular que o contexto cognitivo engloba todos os demais tipos de contexto, já que tanto o contexto, como a situação comunicativa, imediata ou mediata, bem como as ações comunicativas e interacionais realizadas pelos interlocutores passam a fazer parte do domínio cognitivo de cada um deles, isto é, têm uma representação em sua memória, como acontece também com o contexto sócio-histórico-cultural.

Assim, ao adotarmos esta visão ampliada do contexto, estaremos reabilitando a concepção de Pragmática como o estudo da língua(gem) que leva em conta o contexto de produção.

Passarei, na seção seguinte, ao exame das estratégias pragmáticas - ou contextuais de processamento textual.

3 - ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS DE PROCESSAMENTO TEXTUAL

Consideram-se estratégias pragmáticas de processamento textual todas aquelas em que se faz necessário o recurso ao contexto. Aceitando-se a noção de contexto acima defendida, todas as estratégias de processamento textual serão necessariamente pragmáticas - ou contextuais. Como **já** foi dito, apenas para efeito de exposição, elas serão aqui divididas em cognitivas, interacionais e textuais.

3.1 - Estratégias cognitivas

Na acepção de van Dijk & Kintsch (1983:65), o processamento cognitivo consiste de diferentes estratégias processuais, entendendo-se estratégia como “uma Instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação”. Tais estratégias consistem em hipóteses operacionais eficazes sobre a estrutura e o significado de um fragmento de texto ou de um texto inteiro- Elas fazem parte de nosso conhecimento geral, representando o conhecimento procedural que possuímos sobre compreensão de discurso. Trata-se de operações mentais, que possibilitam a permanente formação, atualização e modificação de nossos modelos cognitivos (frames, scripts, modelos de situação), bem como de nosso conhecimento enciclopédico, atitudes, ideologias. São operações táticas, “on-line”, tentativas mas extremamente rápidas, finalisticamente orientadas, dependentes de contexto, que atuam paralelamente (Isto é, simultaneamente em vários níveis) e que utilizam simultaneamente diferentes tipos de informação (na maioria das vezes incompleta). Assim, a análise estratégica depende não só de características textuais, como também de características do usuário da língua, tais como seus objetivos, convicções e conhecimento de mundo, quer se trate do conhecimento de tipo episódico, quer do conhecimento **mais** geral e abstrato, representado na memória semântica ou enciclopédica. Desta forma, as estratégias cognitivas consistem em *estratégias de isso* do conhecimento. E esse uso depende dos objetivos do usuário, da quantidade de conhecimento disponível a partir do texto e do contexto, bem como de suas crenças, opiniões e atitudes, o que torna possível, no momento da compreensão, reconstruir não somente o sentido intencionado pelo produtor do texto, mas também outros sentidos, não previstos ou não desejados pelo produtor. Van Dijk & Kintsch citam, entre as estratégias de processamento cognitivo, as estratégias proposicionais, as de coerência local, as macroestratégias, as estratégias esquemáticas, as estilísticas, as retóricas, as não-verbais e as conversacionais. Não cabe aqui aprofundar essas questões, para o que remeto ao trabalho desses autores.

Pode-se dizer, portanto, que as estratégias cognitivas, em sentido restrito, são aquelas que consistem na execução de algum “cálculo mental” por parte dos interlocutores. Exemplo prototípico são as ingerências, que permitem gerar informação semântica nova a partir daquela dada, em certo contexto. Sendo a informação dos diversos níveis apenas em parte explicitada no texto, ficando a maior parte Implícita, as ingerências constituem estratégias cognitivas por meio das quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação veiculada pelo texto e levando em conta o contexto (em sentido amplo), constrói novas representações mentais e/ou estabelece uma ponte entre segmentos textuais, ou entre informação explícita e informação não explicitada no texto.

As ingerências são estratégias comitivas comuns à modalidade escrita e falada.

Existem, contudo, estratégias específicas da fala, como aquelas que venho denominando “estratégias de desaceleração” (cf. Koch & Souza e Silva,1994), algumas das quais, como, por exemplo, as pausas de planejamento, têm por função ganhar tempo para o processamento por ocasião da produção textual.

As estratégias de ordem cognitiva têm, pois, a função de permitir ou **facilitar** o processamento textual, quer em termos de produção, quer em termos de compreensão. As estratégias interacionais, por sua vez, **visam a** fazer com que os jogos de linguagem transcorram sem problemas, evitando o fracasso da interação.

3.2 - Estratégias interacionais

Estratégias interacionais são, portanto, estratégias socioculturalmente determinadas que visam a estabelecer, manter e levar a bom termo uma interação verbal. Entre elas, podem-se mencionar, além daquelas relativas à realização dos diversos tipos de atos de fala, as estratégias de preservação das faces (“facework”) e/ou de representação positiva do “self”, que envolvem o uso *das formas de atenuação*, as estratégias de polidez, de negociação, de atribuição de causas aos mal-entendidos, entre outras.

A *estratégia de preservação das faces* manifesta-se lingüisticamente através de atos preparatórios, eufemismos, rodeios, mudanças de tópico e dos mercadores de atenuação em geral. O *grau de polidez* é socialmente determinado, em geral com base nos papéis sociais desempenhados pelos participantes, na necessidade de resguardar a própria face ou a do parceiro, ou, ainda, condicionado por normas culturais.

Conflitos, mal-entendidos, situações que desencadeiam incompreensão mútua são inevitáveis no intercâmbio lingüística. Para restabelecer a “commonality”, faz-se preciso, então, que as dificuldades sejam devidamente identificadas e *atribuídas a possíveis causas* subjacentes ao conflito. Como conseqüência da atribuição (adequada ou inadequada) de causas às dificuldades, os contratos subjacentes necessitam ser, muitas vezes, modificados, ou então, novos contratos devem ser estabelecidos para prevenir futuros problemas do mesmo tipo. Além disso, toda interação envolve a *negociação* de uma definição da própria situação e das normas que a governam. Na verdade, todos os aspectos da situação relativos aos participantes estão sujeitos a negociação. Isto vai resultar numa construção social da realidade, já que, sendo a realidade social e constituída no processo contínuo de interpretação e interação, os seus vários aspectos podem ser considerados e (re)negociados de forma explícita ou implícita

Portanto, as estratégias interacionais visam a levar a bom termo um “jogo de linguagem”. As estratégias textuais, por seu turno - que, obviamente não deixam o de ser também interacionais e comitivas em sentido lato - dizem respeito às formas de organização do texto com vistas à produção de determinados sentidos.

3.3 - Estratégias textuais

As estratégias textuais consistem na seleção de diferentes formas de organização dos elementos lingüísticos no texto, tendo em vista a produção de sentidos. Isto é, a construção dos sentidos no texto depende, em grande parte, da forma como o usuário o organiza lingüisticamente.

Entre as principais estratégias de organização textual podem-se mencionar as estratégias de referência, as estratégias de articulação tema-remática, as formas de encadeamento de enunciados visando à sua orientação argumentativa, a combinação de termos de diferentes campos lexicais com vistas à construção de novos sentidos, as estratégias de desaceleração da fala, entre tantas outras.

Não cabendo no âmbito deste trabalho discutir todas elas, examinarei apenas as estratégias de articulação tema-remática e as de desaceleração do texto falado,

3.3.1 - Estratégias de articulação tema-remática

Em termos da articulação tema-remática, particularmente na linguagem falada, tem-se, como mostram Koch & Oesterreicher (1991), a par de casos de integração sintática máxima, uma série de padrões expressivos em que se pode falar de *segmentação*. Nestes, a integração sintática reduzida ou mesmo inexistente resulta da possibilidade que tem o falante de introduzir de imediato um elemento temático, sem que a relação sintática com o(s) subsequente(s) já esteja (plenamente) planejada. Além do aspecto do planejamento, outros parâmetros da interação face-a-face desempenham aqui papel relevante-. a rápida alternância dos turnos, a expressividade, a inserção na situação comunicativa, entre outros.

Assim, ao lado das seqüências em que há integração plena entre elementos temáticos e remáticos, sem segmentações ou retomadas pronominais - as construções não-marcadas, que constituem um padrão neutro em relação a oralidade/escrita - têm-se os procedimentos de tematização marcada, alguns também comuns aos textos oral e escrito, outros típicos apenas da modalidade oral. Pode-se dizer que, de modo geral, ao recorrer às construções com tema marcado, o falante seleciona um elemento (estado de coisas, propriedade, relação, coordenada espacial ou temporal, indivíduo ou grupo de indivíduos etc.) sobre o qual seu enunciado deverá lançar nova luz, predicando algo que considera desconhecido pelo interlocutor. É por esta razão que o elemento tematizado desempenha papel relevante no processamento pragmático-cognitivo do sentido, na medida em que esta forma de organização é determinada não apenas por questões ligadas à continuidade ou mudança de tópico, como também por fatores como interesse, relevância, expressividade, necessidade de ganhar tempo para o planejamento da parte restante do enunciado, entre outros. Ainda mais: estabelecendo o quadro de referência no interior do qual o conteúdo proposicional do enunciado se verifica, a estratégia da tematização desempenha papel de relevo na construção da coerência.

A par das estratégias de tematização acima descritas, existem, também, as estratégias de *rematização*. A anteposição do rema ao tema constitui expressão de alto envolvimento emocional: na perspectiva do falante, permite-lhe antecipar na formulação que constitui a meta de sua comunicação; do ponto de vista do interlocutor, tal seqüência, acompanhada de acentuação entonacional do rema, é marcada relativamente à seqüência tema-remática. Também aqui verificam-se diferentes graus de integração sintática. Alguns dos casos em que a integração sintática se verifica - orações clivadas a pseudo-clivadas - são comuns à fala e à escrita; outros, que

pertencem à sintaxe expressiva, são prototípicos do oral (por exemplo: “**natação** eu prefiro”).

Em outras seqüências, o constituinte temático é introduzido apenas pronominalmente, anteposto ao rema, para ser depois retomado a título de informação mais pormenorizada. Trata-se dos deslocamentos à direita, procedimento bastante produtivo, que convalida, precisando-o melhor, o referente da forma pronominal. É o que se tem denominado, com freqüência, de *afterthoughts*, embora esta não me pareça uma designação adequada, ‘à que o referente já se encontra previamente presente na mente do falante.

Há, ainda, seqüências formadas dos dois blocos - rema-tema - sem verbo, apenas justapostos sem vínculo sintático, em que ocorre um aumento da expressividade, a par de um menor esforço de planejamento (por exemplo: “**engraçadinha** ela !”)

Em sua grande maioria, as estratégias de rematização são próprias da modalidade oral e, por serem expressão de envolvimento emocional, são mais comuns em situações informais de interação.

3.3.2 - Estratégias de desaceleração do texto falado

Em Koch & Souza e Silva (1994), definimos as estratégias de desaceleração do texto falado como aquelas que visam a produzir algum tipo de ralentamento no ritmo da verbalização, com funções de ordem cognitiva-interacional. Entre tais estratégias, podem citar-se os vários tipos de *inserção* e de *reformulação*, além da *hesitação*, que consideramos como constitutiva do próprio processo de construção do texto falado, ligada à possibilidade mesma de sua emissão, em decorrência do fato de serem necessariamente simultâneos seu planejamento e sua verbalização.

As inserções têm, em geral, a função de facilitar a compreensão dos interlocutores, criando coordenadas para o estabelecimento de uma estrutura referencial, de modo que o material inserido não é supérfluo, isto é, não é eliminável sem prejuízo para a compreensão. Através de inserção, introduzem-se explicações ou justificativas, apresentam-se ilustrações ou exemplificações, fazem-se comentários metaformativos que têm, muitas vezes, a função de melhor organizar o mundo textual. A inserção pode ter, também, a função de despertar ou manter o interesse dos parceiros, como no caso da introdução de questões retóricas (recurso extremamente comum nos discursos didático e persuasivo) e/ou criar uma atmosfera de intimidade ou cumplicidade, como acontece no caso da introdução de comentários jocosos ou alusivos a convicções, crenças e opiniões partilhadas pelos interlocutores. Pode, ainda, servir de suporte a uma argumentação em curso e/ou expressar a atitude do locutor perante o dito, introduzindo, por exemplo, atenuações, ressalvas, avaliações.

Quanto às estratégias de reformulação, postulamos que podem ser retóricas ou saneadoras. A reformulação retórica realiza-se, basicamente, através de repetições e parafrazeamentos, cuja função precípua é a de reforçar a argumentação, sendo, nesse caso, comum às modalidades escrita e oral. Pode ter, também, a função de facilitar a compreensão através da desaceleração do ritmo da fala, dando ao(s) parceiro(s) tempo maior para o processamento do que está sendo dito.

Existem, também, uma série de repetições com funções nitidamente interacionais. Repetem-se as palavras do parceiro para demonstrar interesse, aprovação, concordância e, com mudanças entonacionais sensíveis, discordância, crítica, desaprovação, sarcasmo ou, ainda, para produzir humor. Repetem-se as próprias palavras para segurar o turno que está em vias de ser assaltado ou para retomá-lo, após uma interrupção ou um assalto bem sucedido. Repetem-se, ainda, as palavras do parceiro, com entonação interrogativa, para pedir explicações ou complementação do que foi dito-, ou, então, incorporam-se ao próprio texto, por meio da repetição, termos ou construções sugeridas pelo interlocutor, que vem em nosso auxílio fornecer uma palavra ou expressão que no momento nos falta.

A reformulação sanadora, por sua vez, pode ocorrer sob forma de correções ou reparos, e também de repetições e paráfrases, todas elas com função de solucionar, imediatamente após a verbalização de um segmento, dificuldades nele detectadas pelo próprio falante ou pelos parceiros, podendo, assim, ser auto- ou heterocondicionada.

Por fim, as hesitações - que se manifestam de alongamentos de vogais, consoantes ou sílabas **iniciais** ou finais, truncamentos oracionais, repetições de palavras de pequeno porte (artigos, preposições, conjunções) - têm a importante função cognitiva de ganhar tempo para o planejamento/verbalização do texto

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto das estratégias aqui descritas permite constatar a enorme complexidade do processo de construção textual e a gama de atividades que, os interlocutores realizam visando à produção de sentidos. Pode-se dizer que o conjunto de regularidades passíveis de serem detectadas na atividade de produção textual - que consiste basicamente das estratégias acima descritas constitui o subsistema de desempenho textual, pedra angular do sistema de desempenho lingüística.

Como defendi acima, tais estratégias são estratégias pragmáticas ou contextuais. Poder-se-ia, portanto, falar em uma Pragmática Cognitiva, uma Pragmática interacional (Psicopragmática e Sociopragmática, respectivamente, conforme Dascal,1982 e outros) e uma Pragmática Textual, que, juntas, vêm a constituir o domínio do que se denomina **Pragmática** e que se define como o estudo da “língua em contexto”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DASCAL, M. 1982. Introdução. In: Dascal, M. (org.) **Fundamentos Metodológicos da Lingüística**, vol.IV: Pragmática, Campinas, 1982, p.7-22.
- GOFFMAN, E. “Footing,”. In: **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981, p. 124-59.
- KOCH, P. & W.OESTERREICHER. **Gesprochene Sprache in der Romania., Französisch, Italienisch, Spanisch**. Tübingen: Niemeyer, 1991.

KOCH, I.G.V. & M.C.P de SOUZA e SILVA. "Estratégias de desaceleração do texto falado". In. M.Kato (org.,.). **Gramática do Português Falado**, vol.V, Campinas: Edunicamp, 1994. no prelo.

VAN DIJK, T.A. & W. KINTSCH. **Strategies of discourse comprehension**. Nova York: Academic Press, 1983.